



A atualidade do significado internacional da Revolução Socialista Russa de 1917



Lula Falcão

trabalho. Que habilidade e coragem para enfrentar os anos da reação, para saber recuar e não ter vergonha nem prurido em utilizar e atuar legalmente tanto nos parlamentos reacionários quanto nas organizações sindicais legais, em combinar o trabalho ilegal com a utilização das possibilidades legais.

Quando nos anos de revolução (1905-1907) o partido, embora pequeno e com apenas três ou quatro anos de existência, com um contingente limitado de militantes e pouca influência na classe operária, não teve receio em cumprir seu papel. Pelo contrário, se lançou ao combate nas ruas, ergueu as barricadas e deixou o seu sangue nos enfrentamentos nas ruas de Moscou.

Nos anos da reação (1907-1910), enquanto muitos caíram no desânimo, abandonaram o marxismo revolucionário, os bolcheviques mantiveram a defesa da doutrina marxista da luta de classes, souberam atacar e recuar organizadamente e, em vez de chorarem a derrota, ergueram a cabeça e proclamaram: "Os exércitos derrotados passam por uma boa escola". Desmascararam tanto os que desertaram da luta quanto os "revolucionários de palavras". Conseguiram, assim, completar sua instrução: tinham aprendido a atacar, a organizar uma insurreição nos anos da revolução e, depois, aprenderam a recuar ordenadamente.

Desgraçadamente, o reformismo, o oportunismo, nunca quer atacar e faz de tudo para que a ofensiva seja adiada. Argumentam que ainda não é hora de tomar o poder ou de realizar uma insurreição, que os revolucionários são poucos, que as massas não estão preparadas para a luta final, que é preciso acumular forças, ampliar a frente, etc. Por sua vez, os esquerdistas querem arremeter em qualquer situação, não sabem atuar nas condições adversas, rejeitam a atuação legal e adotam uma tática que leva a vanguarda a se afastar das massas.

Pois bem, passados 100 anos dessa história, vemos o oportunismo e o esquerdismo adotarem posições idênticas e cometerem praticamente os mesmos erros tanto em nosso país quanto no movimento operário internacional.

Os inimigos que o bolchevismo enfrentou dentro do movimento operário para poder crescer, fortalecer-se e temperar-se

Desse modo, para construir a vanguarda e conquistar as massas, os bolcheviques – além de desenvolverem uma justa linha política, combaterem o regime mais reacionário da Europa e edificarem o partido em meio a perseguições, prisões, deportações para a Sibéria e assassinatos de centenas de militantes – enfrentaram dois outros inimigos dentro do movimento operário: o oportunismo e o esquerdismo.

O primeiro, o oportunismo ou o reformismo, atua para levar o movimento de massas a reboque da burguesia e abandona a revolução como o principal

objetivo da classe operária. Em justificativa, diz que não é mais necessário realizar uma revolução: “Basta trocar os governos”.

Como solução para as sucessivas crises econômicas do capitalismo, defendem a volta da livre concorrência e o fortalecimento do capital industrial em detrimento do capital financeiro. Tais medidas, acreditam, possibilitariam ao capitalismo desenvolver-se mais rapidamente e diminuiria o desemprego. Despreza, assim, a luta de classes, a contradição entre a burguesia e o proletariado, e não enxerga que a hegemonia do capital financeiro é resultado direto do desenvolvimento do capitalismo. Aonde levaria o desenvolvimento mais rápido do capitalismo, senão ao monopólio privado e a fusão do capital industrial com o capital financeiro e ao imperialismo capitalista?

Por isso, Lênin afirmou: “Era esse, naturalmente, o principal inimigo do bolchevismo dentro do movimento operário, e continua sendo, em escala mundial. O bolchevismo prestou e presta a esse inimigo a maior atenção”.

O revolucionarismo

O segundo inimigo foi o “revolucionarismo pequeno-burguês, parecido com o anarquismo, e que adquiriu dele alguma coisa, afastando-se de uma consequente luta de classes do proletariado”, e que tem como base econômica a ruína da pequena-burguesia produzida pelo capitalismo.

“Para os marxistas está plenamente provado do ponto de vista teórico – e a experiência de todas as revoluções e movimentos revolucionários da Europa confirmaram totalmente – que o pequeno proprietário, o pequeno patrão (tipo social muito comum em vários países europeus e que tem caráter de massas), que muitas vezes sofre sob o capitalismo uma pressão contínua e, amiúde, um agravamento terrivelmente brusco e rápido de suas precárias condições de vida, não sendo difícil arruinar-se, passa-se facilmente para uma posição revolucionária, mas é incapaz de manifestar serenidade, espírito de organização, disciplina e firmeza. O pequeno-burguês “enfurecido” pelos horrores do capitalismo é, como o anarquismo, um fenômeno social comum a todos os países capitalistas”.

Notemos que para Lênin não se trata de um fenômeno particular à Rússia, mas comum a todos os países capitalistas. No Brasil, por exemplo, uma das maiores economias do mundo, é muito visível o peso dessa pequena-burguesia, bem como as suas reações políticas. De acordo com a Serasa Experian de Nascimento de Empresas, somente de janeiro a março de 2017, foram criadas 581.242 empresas. A maior parte delas é fundada por funcionários demitidos que resolvem se tornar patrões. Porém, na mesma rapidez com que

essas empresas surgem, vão à falência. Segundo a consultoria Neoway, cerca de 1,8 milhão empresas fecharam as portas no País em 2015. Esse número engloba companhias de todos os tamanhos e setores da economia, inclusive os chamados microempreendedores individuais (MEI). Por sua vez, pesquisa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) aponta que de cada dez empresas, seis não sobrevivem após cinco anos de atividade.

Em completa ruína, com condições de vida deterioradas, esses pequenos proprietários ficam enfurecidos com o governo e aderem à força política que mais rapidamente prometa trazer de volta os miniprivilégios que tinham.

Para que um partido comunista adquira maturidade para dirigir uma revolução, é fundamental que trave uma firme e profunda luta tanto com o oportunismo quanto com o esquerdismo. Ambos os desvios causam enormes danos ao partido e à revolução. O primeiro se recusa a trabalhar para desenvolver a consciência revolucionária nas massas e a preparar a revolução; o segundo, se apresenta como ultraradical e revolucionário, mas adota posições que em vez de fortalecer o partido e aprofundar seus vínculos com as massas, o afasta dos trabalhadores e conseqüentemente inviabiliza a possibilidade da conquista do poder.

A segunda tarefa: conquistar o apoio das massas para a vanguarda

Apesar de ser fundamental a conquista ideológica da vanguarda para a revolução, este é apenas o primeiro passo. O segundo é atrair as massas trabalhadoras. De fato, sem o apoio das massas, sem a sua participação direta, a revolução não poderá triunfar. Portanto, nossa segunda e mais importante tarefa é conseguir atrair as massas, que hoje estão sob influência dos partidos pequeno-burgueses e burgueses. Não basta, pois, derrotar o oportunismo nas parcelas avançadas da classe operária; é preciso que a própria classe operária, ou pelo menos, grande parte dela, esteja de acordo com o partido comunista e apoie suas propostas. Tal objetivo foi definido de forma precisa por Lênin em seu livro *O esquerdismo, doença infantil do comunismo*:

“A vanguarda proletária está ideologicamente conquistada. Isto é o principal. Sem isto não é possível dar sequer o primeiro passo para a vitória. Mas daí para o triunfo ainda falta uma grande distância a percorrer. Apenas com a vanguarda é impossível triunfar. Lançar a vanguarda sozinha à batalha decisiva, quando toda a classe, quando as grandes massas ainda não adotaram uma posição de apoio direto a essa vanguarda ou, pelo menos, de neutralidade simpática, e não são totalmente incapazes de apoiar o adversário, seria não só uma estupidez, como um crime. E para que realmente toda a classe, para que real-

mente as grandes massas dos trabalhadores e dos oprimidos pelo capital cheguem a ocupar essa posição, a propaganda e a agitação, por si, são insuficientes. Para isso necessita-se da própria experiência política das massas. Tal é a lei fundamental de todas as grandes revoluções, confirmada hoje com força e realce surpreendentes tanto pela Rússia como pela Alemanha”.

Entretanto, esse segundo passo deve ser visto de maneira dialética, isto é, ao mesmo tempo que o partido desenvolve o trabalho político e ideológico para conquistar a vanguarda consciente do proletariado, trabalha para aumentar sua influência sobre os trabalhadores e as massas oprimidas. Essa tarefa, porém, não pode ser cumprida sem o partido travar uma dura e firme luta contra o esquerdismo, contra a doença infantil do comunismo:

“Se a primeira tarefa histórica (ganhar para o Poder Soviético e para a ditadura da classe operária a vanguarda consciente do proletariado) não podia ser cumprida sem uma vitória ideológica e política completa sobre o oportunismo e o social-chovinismo, a segunda tarefa, que é agora imediata e que consiste em saber atrair as massas para essa nova posição capaz de assegurar o triunfo da vanguarda na revolução, não pode ser cumprida sem liquidar o doutrinário de esquerda, sem corrigir completamente seus erros, sem desembaraçar-se deles”.

O esquerdismo, diz, por exemplo, que os parlamentos caducaram, que as eleições só servem para propagandear ilusões e que os sindicatos só têm pelegos. Levam em conta para definir sua tática, sua vontade e não a consciência das massas. Por isso, os comunistas não podem conquistar as massas sem derrotar na vanguarda essas concepções. Analisemos, agora, os dois momentos que Lênin considera importantes exemplos da luta contra os desvios esquerdistas no partido bolchevique:

“Em 1908, os bolcheviques "de esquerda" foram expulsos de nosso partido, em virtude de seu empenho em não querer compreender a necessidade de participar num 'parlamento' ultrarreacionário. Os 'esquerdistas', entre os quais havia muitos excelentes revolucionários que depois foram (e continuam sendo) honrosamente membros do Partido Comunista, apoiavam-se, principalmente, na feliz experiência do boicote de 1905. Quando o czar anunciou, em agosto de 1905, a convocação de um "parlamento" consultivo, os bolcheviques, contra todos os partidos da oposição e contra os mencheviques, declararam o boicote a esse parlamento, que foi liquidado, com efeito, pela revolução de outubro de 1905. Naquela ocasião, o boicote foi justo, não porque seja certo abster-se, de modo geral, de participar nos parlamentos reacionários, mas por-

que foi levada em conta, acertadamente, a situação objetiva, que levava à rápida transformação das greves de massas em greve política e, sucessivamente, em greve revolucionária e em insurreição. Além disso, o motivo da luta era, nessa época, saber se se devia deixar nas mãos do czar a convocação da primeira instituição representativa, ou se se devia tentar arrancá-la das mãos das antigas autoridades. Como não havia, nem podia haver, a plena certeza de que a situação objetiva era semelhante e que seu desenvolvimento havia de realizar-se no mesmo sentido e com igual rapidez, o boicote deixava de ser justo. O boicote dos bolcheviques ao “parlamento” em 1905, enriqueceu o proletariado revolucionário com uma experiência política extraordinariamente preciosa, mostrando que, na combinação das formas de luta legais e ilegais, parlamentares e extraparlamentares, é, às vezes, conveniente e até obrigatório saber renunciar às formas parlamentares.

Mas transportar cegamente, por simples imitação, sem espírito crítico, essa experiência a outras condições, a outra situação, é o maior dos erros. O que já constituía um erro, embora pequeno e facilmente corrigível, foi o boicote dos bolcheviques à Duma (parlamento russo) em 1906. Os boicotes de 1907, 1908 e dos anos seguintes foram erros muito mais sérios e dificilmente reparáveis, pois, de um lado, não era acertado esperar que a onda revolucionária se reerguesse com muita rapidez e se transformasse em insurreição e, por outro lado, o conjunto da situação histórica originada pela renovação da monarquia burguesa impunha a necessidade de combinar-se o trabalho legal com o ilegal. Hoje, quando se considera retrospectivamente esse período histórico já encerrado por completo, cuja ligação com os períodos posteriores já se manifestou plenamente, compreende-se com extrema clareza que os bolcheviques não teriam podido conservar (já não digo consolidar, desenvolver e fortalecer) o núcleo sólido do partido revolucionário do proletariado durante os anos 1908/1914, se não houvessem defendido, na mais árdua luta, a combinação obrigatória das formas legais com as ilegais, a participação obrigatória num parlamento ultrarreacionário e numa série de instituições regidas por leis reacionárias (associações de mútuo socorro, etc.)”.

Observamos que enquanto os esquerdistas russos defendiam que não se devia sujar as mãos participando do ultrarreacionário e inútil parlamento do czar, Lênin afirma que essa posição foi um erro já em 1906 e que se os bolcheviques não tivessem defendido a combinação obrigatória das formas legais com as ilegais e a participação em um parlamento ultrarreacionário não teria sido possível conservar o núcleo sólido do partido durante os anos de 1908-1914.

Lênin, no entanto, não deixa de ressaltar o acerto que foi o boicote às elei-

ções de 1905, quando o país vivia um momento da transformação da greve política em greve revolucionária, que desembocou na insurreição de 1905. De fato, no momento em que as massas fazem greves políticas, promovem levantes e preparam uma insurreição parar esse movimento e orientá-lo para participar de eleições é uma traição à revolução. Já em 1907 e em 1908, a situação era outra: a revolução tinha sido derrotada, o movimento de massas estava em refluxo e as greves praticamente tinham cessado. Vivía-se um momento de defensiva e era necessário combinar as formas legais e ilegais de luta.

Dessa maneira, a tentativa que até hoje é feita de generalizar o boicote que os bolcheviques realizaram às eleições de 1905, não leva em consideração a crítica feita por Lênin a essa posição quando das eleições em 1907 e em 1908.

É fato que em nenhuma outra forma de luta legal, o esquerdismo demonstra tanta repulsa quanto à participação nas eleições burguesas. Consideram que o parlamento burguês caducou e não tem mais nenhuma utilidade para os comunistas. Veem os "manobristas", a demagogia e a corrupção dos partidos burgueses e não conseguem imaginar uma atuação revolucionária no parlamento. Agem como se existisse uma maldição em relação às eleições e nem ousam aplicar a dialética marxista nessa sua posição política. Não é demais afirmarmos que eles se encaixam com perfeição no poema *O analfabeto político* de Bertold Brecht. Mas, tal ponto de vista é equívocado.

Com efeito, os comunistas ao participarem das eleições, fazem-no com conteúdo e forma opostos as dos partidos burgueses. Atuam no sentido de combater a demagogia e as mentiras que os políticos da direita propagam de que resolverão os problemas do povo. Da mesma forma que não se trata de negar os partidos no geral, mas de criar um outro tipo de partido, um partido novo, revolucionário, também não é o caso de negar o político, mas de construir um outro tipo de político, o comunista, que atue prioritariamente para desenvolver as lutas de massas, para desmascarar cada uma das mentiras dos políticos burgueses e pequeno-burgueses e para defender que a revolução popular é única forma de acabar com o sofrimento do povo. Um tipo de político que "fale ao povo não de uma forma doutoral (e não muito à parlamentar), não corra, por nada neste mundo, atrás de um 'lugarzinho' no parlamento, mas desperte em toda a parte o pensamento, arraste a massa, tome a palavra da burguesia, utilize o aparelho por ela criado, as eleições por ela convocadas, seus apelos a todo o povo, e torne conhecido deste último o bolchevismo, como nunca antes havia tido oportunidade de fazê-lo (sob domínio burguês) fora do período eleitoral ...". (*O esquerdismo, doença infantil do comunismo*)

Na realidade, o esquerdismo não quer compreender que é impossível os comunistas cumprirem suas tarefas revolucionárias sem trabalhar em todos os

terrenos e sem utilizar os meios legais de luta para se aproximar das massas. O relato que Lênin faz em seu livro do período de setembro-novembro de 1917, quando já se preparava a insurreição armada, e, mesmo assim, os bolcheviques decidiram participar da Assembleia Nacional Constituinte, é bastante revelador de como os revolucionários necessitam levar em consideração na sua tática a consciência das massas, inclusive as “incultas e ignorantes”:

“... está provado que, mesmo antes da vitória da República Soviética, mesmo depois dessa vitória, a participação num parlamento democrático-burguês, longe de prejudicar o proletariado revolucionário permite-lhe demonstrar com mais facilidade às massas atrasadas a razão porque semelhantes parlamentos devem ser dissolvidos, facilita o êxito da sua dissolução, facilita a “supressão política” do parlamentarismo burguês”.

O problema, portanto, não é se deve ou não participar das eleições, mas como dela se participa e que uso fazer do parlamento: atua-se no sentido de aprofundar as ilusões nas eleições ou se para propagar a ideia da revolução com o único meio para pôr fim à fome e à exploração dos trabalhadores. Em resumo, a posição sobre se devemos participar das eleições ou se devemos boicotá-la deve, segundo Lênin, levar em consideração simplesmente a realidade:

“Enquanto não tendes força para dissolver o parlamento burguês e qualquer outra organização reacionária, vossa obrigação é atuar no seio dessas instituições, precisamente porque ainda há nelas operários embrutecidos pelo clero e pela vida nos rincões mais afastados do campo. Do contrário, correi o risco de vos converter em simples charlatães.

“Enquanto nós, comunistas não estivermos em condições de tomar o poder de Estado e de realizar a eleição apenas pelos trabalhadores dos seus sovietes contra a burguesia, enquanto a burguesia dispuser ainda do poder de Estado, chamando às eleições as diversas classes da população, nós temos o dever de participar das eleições para fazer agitação entre os proletários”. (*Lênin. Carta aos Comunistas Austríacos. OE. Edições Avante*)

Como vemos, a atuação dos bolcheviques nas eleições além de extremamente útil foi indispensável para o partido revolucionário consolidar-se e preparar as massas para a conquista do poder. Naturalmente, para o pleno êxito dessa política é fundamental que os comunistas construam um partido legal que defenda com profundidade e amplamente seu programa revolucionário e que os políticos deste partido sejam exemplos do político comunista, que no

lugar de ficar trancado dentro de gabinetes ou em conchavos no parlamento, combata firmemente a burguesia e seu governo e esteja presente diariamente nas lutas dos trabalhadores e na organização do movimento popular.

Diante desta rica experiência revolucionária do povo russo, nossos esquerdistas dizem que isso foi há 100 anos e que tal experiência não vale para os dias atuais. Ora, também foi há 100 anos a tomada do poder por meio de uma insurreição, a construção dos soviets e a criação do exército vermelho, devemos, então, negar tudo isso porque foi há 100 anos? Devemos, por acaso, recusar a teoria da relatividade de Einstein por ter sido elaborada há mais de 100 anos?

É evidente que não podemos agir desse modo. Isso seria trair a revolução, a classe operária e a ciência. Pois bem, abandonar as massas incultas e ignorantes, deixá-las à mercê dos partidos burgueses, também é trair a revolução e a ciência marxista-leninista. Além do mais, ao agir assim, sem perceber, se repete o mesmo discurso da burguesia de que a Grande Revolução Socialista Russa está ultrapassada.

Tais verdades eram corretas ontem e continuam hoje. Fazem parte da doutrina revolucionária do leninismo e todos aqueles que verdadeiramente desejam fazer uma revolução devem estudá-las com afinco e não simplesmente desprezá-las.

Os soviets e o parlamento burguês

Lênin analisa ainda em sua obra que a Revolução Socialista Russa apresentou pela primeira vez “a combinação da greve econômica com a greve política, com a transformação desta última em insurreição armada, o nascimento de uma nova forma de luta de massas e de organização de massas das classes oprimidas pelo capitalismo: os soviets”.

Os soviets são, portanto, uma nova forma de luta e de organização das massas. Logo, só tem sentido falar em soviets em substituição ao parlamento burguês, quando as massas estão decididas a construir um novo poder político na sociedade.

Como todos sabem, ainda não temos construído nenhum soviete em nosso país. Mas por que isso acontece?

Tal insuficiência não se deve à falta de vontade ou ao desconhecimento de que os soviets “são os coveiros, os herdeiros e os sucessores do parlamentarismo burguês e da democracia burguesa em geral”, mas sim, porque a classe operária e os camponeses brasileiros não estão convencidos dessa verdade do marxismo-leninismo, apesar da sua comprovação histórica pela revolução russa. Na realidade, para os soviets deixarem de ser um sonho em nosso país, é indispensável que as massas não apenas observem o cenário político, mas par-

ticipem ativamente da vida política. E isto, só é possível com o desenvolvimento da sua consciência que, por sua vez, só ocorre com o avanço das suas lutas, com sua experiência prática, com a combinação da greve econômica com a greve política e a transformação desta em insurreição.

O segundo momento citado por Lênin do enfrentamento dos bolcheviques com o esquerdismo foi quando do acordo de paz de Brest-Litovsk⁸:

“Em 1918, as coisas não chegaram à cisão. Os comunistas "de esquerda" só constituíram, na ocasião, um grupo especial, ou 'fração', dentro de nosso Partido, e por pouco tempo. No mesmo ano, os mais destacados representantes do 'comunismo de esquerda', Rádek e Bukharin, por exemplo, reconheceram abertamente seu erro. Achavam que a paz de Brest era um compromisso com os imperialistas, inaceitável por princípio e funesto para o partido do proletariado revolucionário. Tratava-se, realmente, de um compromisso com os imperialistas; mas era precisamente um compromisso dessa espécie que era obrigatório naquelas circunstâncias”. (*O esquerdismo, doença infantil do comunismo*)

O governo czarista deixou a Rússia em completa ruína. A situação do país tinha chegado ao extremo. Em 1918, tropas inglesas, norte-americanas e francesas desembarcaram no Norte e os japoneses em Vladivostok. Importantes regiões econômicas como o Baltico, a Bielorrússia e a Ucrânia estavam sob controle dos reacionários e as tropas intervencionistas de mais de 20 países em acordo com os exércitos da burguesia e dos latifundiários russos lutavam para destruir o Estado dos Sovietes. O poder soviético não poderia lutar para reconstruir o país, combater as tropas do antigo poder e os exércitos imperialistas e ainda estar em guerra com a Alemanha. Era preciso construir o socialismo, acabar com a fome que matava o povo russo e colocar as fábricas que estavam paradas em funcionamento. O acordo de paz com a Alemanha, mesmo com condições injustas, além de adiar os planos dos alemães de se apossarem da Rússia, permitia que o poder soviético continuasse existindo e tivesse condições de reconstruir o país e de derrotar em definitivo os exércitos da burguesia.

Além disso, Lênin explica porque é uma infantilidade rejeitar qualquer compromisso: “A conclusão é clara: rejeitar os compromissos "por princípio", negar a legitimidade de qualquer compromisso, em geral, constitui uma infantilidade que é inclusive difícil de se levar a sério. (...) Há compromissos e compromissos. É preciso saber analisar a situação e as circunstâncias concretas de cada compromisso, ou de cada variedade de compromisso”.

A conclusão apresentada pôr Lênin em seu livro é um importante guia para orientar os revolucionários sobre como e que condições devem ser levadas em consideração ao se realizar um acordo com o inimigo da classe operária. É preciso saber analisar a situação e as circunstâncias concretas de cada compromisso. Sem analisar a realidade concreta e a situação que se está vivendo, quais as forças de cada classe e o que está em jogo, não é possível saber qual a posição mais correta.

Na verdade, os revisionistas de esquerda, o doutrinário de esquerda, não acredita na possibilidade de desenvolver um amplo e revolucionário movimento de massas capaz de tomar o poder. Por isso, na primeira dificuldade abandonam esse trabalho, desprezam a atuação dos sindicatos reacionários, nos parlamentos e nas eleições dizendo que eles estão ultrapassados, mas esquecem que parte significativa das massas continua vendo as eleições e não a revolução como o caminho para mudar o país. Desprezam assim, a lei fundamental de todas as revoluções, qual seja, a de que para as grandes massas trabalhadoras passarem para o lado da revolução, é essencial sua própria experiência de luta.

Para conquistar as massas para as ideias socialistas, os comunistas necessitam atuar onde os operários estão; do contrário, não poderão influenciá-los e avançar sua consciência. Os obstáculos existentes para a atuação legal, como perseguições nas fábricas, suborno e o oportunismo no parlamento não são de maneira nenhuma algo fácil de superar, porém, são tarefas e etapas que o partido revolucionário necessita cumprir, como bem demonstra a história dos bolcheviques.

Tal tarefa é muito pesada para os ombros dos esquerdistas. “Não se trata de uma carga pesada”, respondem eles. “Temos pressa e essa tática é muito demorada e nós já estamos lutando há muitos anos”.

Mas será mesmo a tática leninista exposta em profundidade no livro *O esquerdismo*, uma tática que demora tanto para produzir seus resultados?

Claro que não! Se os comunistas tiverem uma linha política justa, uma disciplina férrea no seu partido e conquistarem o apoio e a confiança das massas trabalhadoras, todos poderão assistir e participar da vitória da classe operária sobre a burguesia, da revolução. Vejamos o que diz Lênin sobre quantos anos foram necessários para os bolcheviques chegarem ao poder na Rússia:

“Os grandes países capitalistas adiantados avançam por esse caminho muito mais rapidamente que o bolchevismo, ao qual a história concedeu um prazo de 15 anos para preparar-se como tendência política organizada afim de conquistar a vitória”.

15 longos anos, este foi o prazo que os bolcheviques tiveram para preparar-se para a conquista do poder graças à tática leninista.

A questão, portanto, não é que vai demorar muito, mas se quer trabalhar realmente entre as massas 'ignorantes'. De fato, os esquerdistas fogem das massas como o diabo antigamente fugia da cruz, opta por ficar esperando que um milagre desperte as massas. Chegam ao ponto de desprezar a atuação na classe operária porque os sindicatos estão dominados por oportunistas e pelegos.

Entretanto, não há atalhos para se alcançar a revolução. É preciso construir um partido revolucionário e colocar as massas em ação, em luta por seus objetivos imediatos e futuros. Os comunistas precisam ter plena consciência de seus princípios, lutar e derrotar o oportunismo e também o esquerdismo, traçar seu plano de luta em total acordo com a realidade e com as aspirações das massas, tendo em conta a correlação entre as classes e os objetivos estratégicos, observando o aprofundamento da crise do capitalismo, o acirramento da contradição entre a burguesia e o proletariado e que a primeira e mais importante de todas as tarefas "é conquistar a classe operária para a ideia da revolução, pois apenas com a vanguarda é impossível triunfar".

Como vemos, de um lado, temos os oportunistas dizendo que a revolução nunca acontecerá, pois o mundo é outro e as massas não estão dispostas a sacrificar suas próprias vidas para alcançar a liberdade. De outro, temos o esquerdismo pregando que não é necessário o apoio das amplas massas para realizar uma revolução e que basta alguns poucos atos isolados. O fato é que, como disse Lênin, "Essas duas anomalias (o oportunismo e o "revolucionarismo" pequeno-burguês) completam-se reciprocamente e desprezam o marxismo revolucionário".

Combinar formas de luta legais com ilegais

Apesar de destacar a importância da atuação nos espaços legais, Lênin adverte que os revolucionários necessitam dominar outras formas de luta para realizarem uma revolução:

"Temos de concordar que seria insensata e até mesmo criminosa a conduta de um exército que não se dispusesse a conhecer e utilizar todos os tipos de armas, todos os meios e processos de luta que o inimigo possui ou pode possuir. Mas essa verdade é ainda mais aplicável à política que à arte militar. Em política é ainda menos fácil saber de antemão que método de luta será aplicável e vantajoso para nós, nessas ou naquelas circunstâncias futuras. Sem dominar todos os meios de luta podemos correr o risco de sofrer uma derrota fragorosa – às vezes decisiva – se modificações, independentes da nossa vontade na situação das outras classes puserem na ordem do dia uma forma de ação na qual somos particularmente débeis. Se dominamos todos os meios de luta, nossa vitória estará garantida, pois representamos os interesses da classe realmente avançada, realmente revolucionária, inclusive se as circunstâncias nos

impedirem de utilizar a arma mais perigosa para o inimigo, a arma mais capaz de assestar-lhe golpes mortais com a maior rapidez”.

Entretanto, não é assim que procedemos. Temos insistido demasiadamente nas formas de luta legais. Trata-se de um erro, pois assim fazendo não nos preparamos nem preparamos as massas para a conquistar o poder. Afinal, como iremos substituir uma forma de luta por outra se não dominarmos todos os meios de luta?

Vejamos como estavam as organizações revolucionárias às vésperas da insurreição de 1905 na Rússia:

“Todos os partidos revolucionários, todos os sindicatos de Moscou, ao declarar a greve, tinham consciência e até mesmo sentiam a inevitabilidade da sua transformação em insurreição. (...) Mas, de fato, nenhuma das organizações estava preparada para isso, mesmo o Conselho de Coligação dos Grupos de Combate falava em insurreição como de algo distante, e a luta de rua passava indubitavelmente por cima da sua cabeça e sem a sua participação. As organizações atrasaram-se em relação ao crescimento e à envergadura do movimento”.

Não é preciso muita reflexão para concluirmos que tal atraso ocorre conosco desde as grandes manifestações de junho de 2013 e continuou quando da greve geral de 28 de abril e na marcha a Brasília de 24 de maio. Em relação à luta de rua e mais ainda da sua transformação em insurreição, estamos na mesma situação dos partidos revolucionários da Rússia em 1905, isto é, não nos encontramos preparados para esta forma de luta e vemos a insurreição mais distante de nós do que estão os demais planetas da nossa Galáxia.

Para a revolução, é uma questão de vida ou morte que o seu Estado-Maior domine todas as formas de luta. Dito de outro modo, se a revolução proletária, para ser vitoriosa, precisa derrotar os exércitos da burguesia, os revolucionários, para serem revolucionários completos, devem ter uma formação militar, uma instrução militar e estudar a ciência militar; do contrário, não saberão o que fazer e ficarão perdidos na hora da insurreição.

Até porque, não vivemos mais um período de prosperidade nem de desenvolvimento pacífico do capitalismo. Com efeito, até mesmo os analistas burgueses reconhecem a escalada militarista das potências capitalistas. As guerras imperialistas contra o Iraque, o Afeganistão, a Líbia e a Síria pelos EUA, Rússia e a União Europeia (UE) prosseguem, da mesma forma que a invasão da Ucrânia pela Rússia e de Mali pela França. Essas guerras, além de matarem milhões de pessoas, já produziram sete milhões de refugiados.

Ademais, o orçamento militar dos EUA atingiu este ano 640 bilhões de dólares, maior que a soma dos orçamentos militares dos 14 países que mais gas-

tos militares realizam. Pior: novas guerras imperialistas são anunciadas pelos meios de comunicação da burguesia. O ditador dos EUA, Donald Trump, por exemplo, declarou diversas vezes que os EUA podem atacar a Coreia do Norte e a Venezuela. Não há assim, nenhuma região no mundo livre das garras dos imperialistas.

Ao mesmo tempo que prospera a militarização da economia, crescem as rivalidades entre as potências imperialistas por mercados e pelas regiões estratégicas e avança o protecionismo em detrimento do livre comércio. Prova disso, foi a ampliação das sanções dos EUA contra a Rússia, atingindo duramente o fornecimento de energia a União Europeia; a recusa dos Estados Unidos em assinar o acordo de defesa mútua da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) com os países europeus e a declaração da chanceler da Alemanha Angela Merkel de que “Os tempos que podíamos confiar nos outros ficaram para trás. Nós, europeus, precisamos tomar o nosso destino nas próprias mãos”. (*Reuters*, 28/05/2017)

O comunicado dos ministros do Comércio dos países do Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) em sua última reunião em Xangai também revela o fracasso da liberalização do comércio mundial e do fim da crise: “Notamos com preocupação o lento crescimento global e o aumento do protecionismo”. (*Valor*, 03/08/2017).

Por outro lado, não há sinais de uma recuperação duradoura nas maiores economias capitalistas. Todas as chamadas economias avançadas continuam com elevado número de desempregados, empobrecimento da maioria da população e agravamento das condições de vida. Nada disso é uma novidade, mas é uma evidência da incapacidade da burguesia em encontrar soluções para as crises econômicas sem realizar guerras e aprofundar as contradições na sociedade.